

Cartografia dos Cenários Socioambientais dos Quilombola do Leitão/Umbuzeiro¹

Alfredo Sotero Alves RODRIGUES²

Maria Salett TAUK SANTOS³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

O texto tem como objetivo contextualizar os cenários dos quais vivem e trabalham os integrantes da Comunidade Negra Rural Quilombola de Leitão/Umbuzeiro de Afogados da Ingazeira. A pesquisa centra-se em relatar e registrar iconograficamente, o que leva, como vivem e como procede a população quilombola em permanecer e trabalhar na construção do desenvolvimento local da comunidade em terras inóspitas do semiárido de Pernambuco. A pesquisa foi realizada utilizando técnicas combinadas de coleta de dados, observação, entrevistas com alguns integrantes da comunidade de quilombolas de Leitão/Umbuzeiro. Para a narrativa, foram utilizadas os métodos e recursos da etnografia e da fotografia, embasados em Malinowski (1978), Bourdieu (1979), Jorge (2009).

Palavras-chave: etnografia; fotografia; quilombolas; semiárido; Sertão de Pernambuco.

Introdução

Ah! Viver no Sertão! Isso é um sonho! [risos] E muito difícil! É um sonho difícil, né? Porque... pelo menos as pessoas que não têm condições, têm que trabalhar muito pra sobreviver, né? (Quilombola 1).

O texto tem como objetivo contextualizar os cenários dos quais vivem e trabalham os integrantes da Comunidade Negra Rural Quilombola de Leitão/Umbuzeiro de Afogados da Ingazeira. A pesquisa centra-se em relatar e registrar iconograficamente, o que leva, como vivem e como procede a população quilombola em permanecer e trabalhar na construção do desenvolvimento local da comunidade em terras inóspitas do semiárido de Pernambuco.

O Sertão é um mistério. Oficial e midiaticamente, possui climas secos com variantes de árido, semiárido, seco e subseco, terra pedregosa e a maioria da sua vegetação (pelo menos aquela que sobrevive à falta d'água e ao escaldante sol) não tem folhas e sim espinhos,

¹ Recorte da dissertação Ser (Tão) Negro! Reconversão Cultural e Desenvolvimento Local na Comunidade Negra Rural Quilombola de Leitão/Umbuzeiro, Afogados da Ingazeira – PE. Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre, professor da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: alfredosotero1@gmail.com.

³ Doutora em Ciências da comunicação pela ECA/USP. Professora associada IV da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: mstauk@terra.com.br.

adaptação sofrida para sobreviver numa das regiões mais quentes do planeta. No Sertão e, principalmente, na Caatinga, quando não chove ou nos períodos de grandes estiagens, uns padecem, a maioria resiste de uma penação danada. A terra é castigada pelo sol escaldante, pelas pedras na terra avermelhada, pelos espinhos das plantas, pela água salobra.

Tudo no Sertão arde: seja o sol, os espinhos das cactáceas, os pelos das urticáceas, os bichos, o solo arenoso e seus lajedos. Terra conhecida por mato branco - a Caatinga, pois, durante a seca ou grandes estiagens, os seus arbustos, ficam com seus galhos acinzentados. Exceção aos cactos e bromélias, e árvores de grande porte, como o juazeiro. O seu território é formado por um rio seco (temporário), mas não estéril, onde, aos primeiros pingos de chuva, tudo cheira a terra molhada, tudo cheira a verde, tudo cheira a vida verde - é o Sertão ou Caatinga. (RODRIGUES, 2002).

Historicamente, a população de contextos populares quilombolas de Leitão/Umbuzeiro é caracterizada por três parâmetros desiguais. O primeiro, pelo fato de morar em um território inóspito climaticamente – a Caatinga, submetido a grandes períodos de estiagens e de conviverem perigosamente com animais peçonhentos, a exemplo das cobras jararaca, coral, cascavel, salamanta, das caranguejeiras, dos escorpiões, que descem das serras, se arrastam pelos terreiros, entram nas residências. O segundo, por serem pobres e, o terceiro, por serem negros!

Apropriação Metodológica

Antigamente essa Comunidade da gente era meia esquecida, a gente era, ficava no recanto como diz a história. Hoje em dia não. Hoje em dia, a Comunidade de Leitão, ela tá sendo muito bem reconhecida, em todo canto que a gente chega o pessoal conhece. Isso aí pra nós é muito importante (Quilombola 9).

A pesquisa foi realizada utilizando técnicas combinadas de coleta de dados, observação, entrevistas com alguns integrantes da comunidade de quilombolas de Leitão/Umbuzeiro. Para a narrativa verbo-visual, foram utilizadas os métodos e recursos da etnografia e da fotografia, embasados em Malinowski (1978); Bourdieu (1979). Jorge (2009).

Os métodos etnográfico e da fotografia são utilizados para descrever e registrar o cotidiano das atividades socioambientais da população em estudo. Assim, foi valorizada a pesquisa empírica, entendida na atualidade como o estudo realizado diretamente com os atores envolvidos em que, “empíria e teoria, devem estar coordenadas em um pensamento

coerente: toda concepção da teoria é relativamente uma concepção da empiria e vice-versa (MARTINO, 2010, p. 143).

O processo etnográfico é o “estar lá”, é o envolvimento com a comunidade em estudo, ou seja: não se deve apenas “anotar os acontecimentos e detalhes ditados pelos costumes e pela tradição como pertencentes à própria essência do ato, mas também registrar, de maneira cuidadosa e exata, as atitudes de atores e espectadores, umas após as outras” (MALINOWSKI, 1978, p. 31). Nesse sentido,

la descripción de la subjetividad objetivada remite a la de la interiorización de la objetividad. Los tres momentos del proceso científico son, por lo tanto, inseparables: lo vivido inmediato, captado a través de expresiones que velan el sentido objetivo al mismo tiempo que lo develan, remite al análisis de las significaciones objetivas y de las condiciones sociales de posibilidad de esas significaciones, análisis que apela a la construcción de la relación entre los agentes y la significación objetiva de sus conductas (BOURDIEU, 1979).

O estar na pesquisa empírica, por meio da imagem, consiste em registrar as especificidades *desapercebidas* e o atestar *da verdade*. No processo empírico, a fotografia é uma prática em que “aparece como un medio privilegiado de aprehender en su expresión más auténtica, Iss estéticas (y las éticas) propias de los diferentes grupos o clases y, particularmente, la ‘estética’ popular que puede, excepcionalmente, ponerse de manifiesto en ella” (BOURDIEU, 1979, grifo do autor).

Tais registros podem/são úteis, seja para o estudo, a apropriação e comprovação pormenorizadas dos fatos e dos cenários analisados. Assim, a imagem pode/deve ser utilizada

para a descrição dos espaços públicos e privados, para o estudo preciso [...] de uma comunidade tradicional ou grupo social, para observações sociométricas de estrutura social, mapeamentos aéreos, para a descrição do traçado de diferentes espaços culturais e sua paisagem, para a realização minuciosa de um inventário da cultura material ou para revelar processos de adaptação e de mudança de grupos humanos específicos (JORGE, 2009, p. 260).

Do Marco Zero a uma Re(li)gião Chamada Sertão

Ah, eu digo que é um sonho assim porque é importante. Eu acho bom morar no campo, no Sertão. Aí muita gente diz assim: “Ave Maria! Morar num sítio? Deus me livre! “Morar na cidade, Deus me livre! Que cidade? É bom no sítio que a gente tem ouvido e liberta. Ah, é muito bom a morada no sítio. Eu mesmo gosto. Nasci e me criei aqui. Não sei se... já tem saído, mas nunca gostei não. Quatro ou cinco vezes (Quilombola 1).

O trajeto, “bem ali”, para se chegar, *direto*, às Comunidades de Leitão e Umbuzeiro, inicia-se no *marco zero* do Recife. São atravessadas duas regiões, o Litoral/Zona da Mata e o Agreste para adentrar no Sertão. Pela BR 232, rebatizada, em 2001, de Rodovia Luiz Gonzaga, passa-se pelos eucaliptais de Moreno e os resquícios da Mata Atlântica; pelas hortas rural-urbanas sob a via expressa de um viaduto, de Vitória de Santo Antão, depara-se, à esquerda, em um serrote - para os atentos ou observadores -, com um “Cristo Redentor” e os abacaxizais de Pombos. Pela ponte e túnel Cascavel, na Serra das Russas, após o declive, chega-se à “Suíça Pernambucana”: Gravatá.

Em terras e vegetação já rarefeita do Agreste – aqui e acolá, podem-se enxergar alguns umbuzeiros – “árvore sagrada do Sertão” e raros mandacarus, está, Bezerros, das *talhas* de J. Borges, o maior xilogravurista vivo brasileiro e dos Papangus. Caruaru, com sua Feira de rua, Patrimônio Cultura Imaterial estadual, de Mestre Vitalino, Zé Caboclo, Marliete e da arte figurativa da cerâmica do Alto do Moura. São Caetano, ponto de parada para *lanchar* carne-de-sol com macaxeira-*papa*. Sem parar, percebe-se a estátua de um agricultor sobre uma *pirâmide* Inca: à direita, é Tacaimbó.

Na rodovia, não se percebem muitas flores, mas se passa por Belo Jardim. Na pracinha de Sanharó, destaque para a escultura de um típico sertanejo e seu chapéu de couro, fazendo a ordenha de uma vaca, referência ao famoso queijo de manteiga, vendido ali em bodegas. Logo na entrada de Pesqueira, reestruturada em uma pequena elevação, a imagem de Nossa Senhora das Graças, anunciação do seu santuário na vila de Cimbres. Ao seu lado direito, uma dona de casa preparando um alimento e, ao lado esquerdo, uma rendeira, alusão aos trabalhos manuais de renascença. Seu povoado e a Serra do Mimoso, onde são vendidos queijos de coalho, manteiga de garrafa e frutas. No inverno, o matiz monocromático de verdes impressiona; nas estiagens, é uma penação só.

Entre serras, Arcoverde, celeiro de várias peculiaridades culturais materiais e imateriais, a exemplo do Cordel do Fogo Encantado. Estamos na *porta* do Sertão. Logo após Arcoverde, a grande encruzilhada *macho* do Sertão: Cruzeiro do Nordeste, antiga Placas, devido às indicações aos vários caminhos que levavam e levam os desbravadores daquelas terras. No caminho à esquerda, por meio de uma grande reta da BR 110⁴, *sobe-se* para Sertânia dos caprinos. Em poucos minutos, chega-se a uma bifurcação: em frente, se segue para Custódia,

⁴ Essa denominação e a das PEs foram identificadas no mapeamento do Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea do Diagnóstico do município de Afogados da Ingazeira, realizado pelo Ministério de Minas e Energia (BRASIL, 2005).

Flores, Serra Talhada; à direita (PE 280), o povoado de Albuquerque Né, onde se iniciaram as obras, na região, da transposição do Rio São Francisco. Mais um pouco em uma encruzilhada *fêmea*, à esquerda, um Cruzeiro erguido em um trevo.

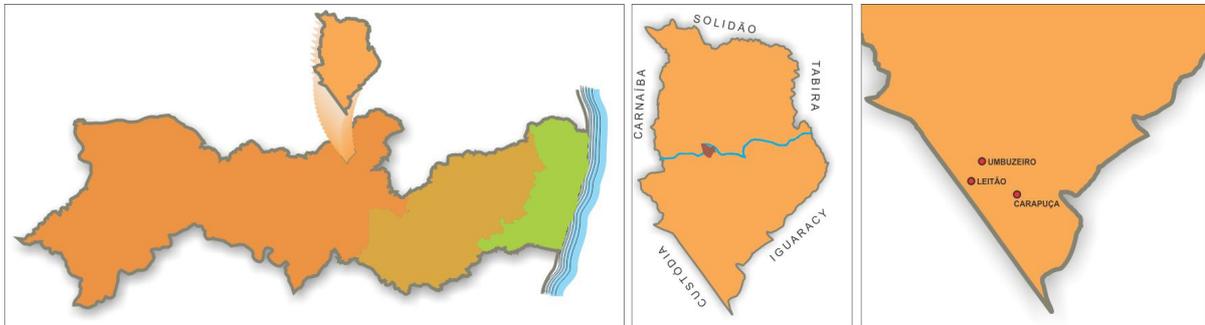


Figura 1: mapa de Pernambuco e a localização de Afogados da Ingazeira. Figura 2: mapa de Afogados da Ingazeira. Figura 3: o povoado da Carapuça e os Sítios de Leitão e Umbuzeiro.

A estrada vai ficando mais estreita; adentra-se nas terras de Iguaracy pela PE 275. Inicialmente, o território das floridas Canafístulas – árvores da família das Acácias -, no inverno. À direita a entrada do povoado Irajá, cotidianamente conhecido por “Coruja”. Após a linha do trem, desativada há três décadas, a sede municipal. Mais uns 20 minutos, a “Princesinha do Pajeú”: Afogados da Ingazeira⁵. De auto-passeio, o trajeto poderá ser realizado em quatro horas; de *lotação*, cinco; de coletivo, seis horas, ou mais, o que depende dos motoristas, das paradas pontuais ou imponderáveis.

No Caminho para a Comunidade de Leitão/Umbuzeiro

Hoje, nós achamos bom morar na Comunidade. Na Comunidade, nós que já melhorou assim, a questão do acesso, que antes não tinha estrada. Nós logo viemos morar logo na Comunidade, o acesso era muito difícil pra chegar lá. E porque não tinha estrada. (Quilombola 1).

A um pouco mais de três léguas da sede municipal de Afogados da Ingazeira, saíram da *invisibilidade*, negros afrodescendentes. Esses cidadãos tornaram-se conhecidos por Quilombolas a partir da inserção, ou seja, da visita, em 2005, do então Ministro da Cultura Gilberto Passos Gil Moreira. Antes, eram definidos, “os nego”, “os neguim” ou “negros da Carapuça”.

⁵ Da capital Recife são 385 km.

Em um dos acessos ao sul, pelo bairro de São Brás, em estrada carroçável, a depender do percurso definido, em que “todo lugar leva à bodega”, ou seja, para Leitão, 23 km, para Umbuzeiro, 19 km. Referência se dá com a construção do polo moveleiro. Na estrada transitam, vez por outra, autos-passeios; motos(táxi); bicicletas; sempre com passageiro na garupa. Corriqueiramente, são os cavalos selados, carroças *d’água* e de burro; carros de bois. Esses dois prestam-se ao transporte de gente e ou carvão, milho, lenha, entre outros. O carro de boi teve sua força motriz refuncionalizada. Agora utilizam pneus e não mais os “lasca estrada”, as grandes rodas de madeira, cintadas com lâminas de ferro.

As camionetas tipo D10 e D20 e caminhões transportam os que moram mais afastados. São paus de araras (pós)modernos. Foi nos dito que são 10 pessoas, o número de passageiros distribuídos nas caminhonetas; para os caminhões, a lotação é equivalente, é o quanto couber e mais um pouco. Não existem, concretamente, reclamações, nem notícias de acidentes, a velocidade não ultrapassa os 50 km/h. Um olhar exógeno percebe e sente a precariedade do acesso, apesar de os sitiantes, acostumados a andar entre pedras, galhos secos e outros percalços da Caatinga, serem condizentes em que “as estradas são boas”, no verão. A Prefeitura manda “passar a máquina”. No inverno, são os transtornos dos riachos que cruzam as estradas. Muitas vezes, os passageiros, não medem esforços descem, para ajudar, empurrar, livrar o transporte do atoleiro. O importante é o sair e retornar.

Na passagem, o Povoado de Queimada Grande, uma pequena vila com casas espaçadas; poucas são conjugadas. Possui uma igreja, caixa d’água, clube, açude. São expostas, vez por outra, as “cruzes de beira de estrada”, enfeitadas com fitas e pequenas coroas, vazadas com flores coloridas de plástico; algumas possuem mini oratórios para que se possam acender velas. São homenagens dos familiares aos entes que morreram, não de “morte morrida”, mas de “ave bala”. Nessa comunidade, existe a famosa água de bica, que desce da serra. É transportada nas “carroças d’água” e negociada na cidade a R\$ 1,50 a lata. Da saída de Afogados a Queimada Grande, por 2 km, a via, na sua quase totalidade, é em mão dupla.



Figura 4: acesso, ao sul, pela Bairro de São Braz. Figura 5: cruz *de beira* de estrada.
 Figura 6: casas e carroças *d'água*.

Até os territórios do nosso objeto de estudo, Leitão e Umbuzeiro, encontram-se individuais, ou em pequenos rebanhos, bodes, ovelhas, rezes, sem um guia ou tangidos por adultos ou crianças. Percebem-se alguns bodes *marcados* com uma canga⁶. A superfície da estrada é alternada com solos de barro amarelo-avermelhado, pedregoso, arenoso. Alguns trechos com variações de 100 m a 2 km, desliza-se em um tapete perigoso de areia fina, tipo de rio, com perigo de derrapagem dos automóveis.

Iniciam-se as terras propícias aos cajueiros. Em suas laterais, é visível o bioma da caatinga: galhos e ramagens acinzentados – verdes, apenas a jurema preta, os marmeleiros, os mandacarus e algumas fruteiras, além dos inúmeros cajueiros nativos. As moradias são espaças com média de 500m, onde percebe-se uma típica construção das zonas rurais com alpendres: a Escola São Luiz Gonzaga, sempre fechada.

⁶ Instrumento de madeira de forma triangular em volta do pescoço de bodes, rezes ou porcos para evitar que o “bicho ladrão” fure cercas. Utilizado, às vezes, pelos próprios sertanejos, como brincadeira, chacota, ao relacionar o grau de instrução de determinados indivíduos: “Fulano só sabe o que é um “a” por causa da canga de uma porca”.

Na altura dos 10 km, uma encruzilhada: em frente, segue-se para Umbuzeiro, onde os transeuntes se deparam com duas cancelas de madeira – costume antigo para separar as propriedades. É necessário abri-las e, sempre, fechá-las. Às vezes aparece “um filho de Deus” para o favor. Em Umbuzeiro, estão locadas a Mine Fábrica de Beneficiamento da Castanha de Caju e nove famílias *quilombolas*. À esquerda, Leitão. Nos dois caminhos, existe uma prensa, em cada um deles, ao relento do sol e chuva, antiga casa de farinha.

Por esse caminho, é obrigatória passagem pelo território do Povoado da Carapuça, bem mais crescido, com igreja, casas conjugadas, escola, pequeno comércio. Notoriedade é uma das características no Sertão a nomenclatura de estabelecimentos comerciais: geralmente tudo é grande, é majestoso. Assim, existia um dos poucos pontos de diversão, o Mega Bar, estabelecimento de poucos metros quadrados, nas cores vermelha e amarela.

A Comunidade Negra Rural Quilombola de Leitão/Umbuzeiro

Aqui era muito ruim. As portas vinham se abrindo um pouquinho, de 1995 pra trás aqui era casca grossa, porque primeiro, estrada não tinha. Começa por aí. Água, energia, não tinha. Aí depois, 1995 foi fundada a Associação, aí depois, através da Associação, foi abrindo uns caminhos, (Quilombola 5).

Aproximando-se dos territórios do Leitão ou Umbuzeiro, a geografia e paisagem são similares, as caatingueiras; médias e grandes pedras isoladas ou em blocos, serrotes e ladeiras, algumas íngremes e muitas pedras soltas. Do alto de uma delas, avistam-se as terras do Leitão. Inicia-se “na ladeira de Zé de Zulmira, na casa de Cícero”. (CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE, 2008, p. 104).

Nessa comunidade, também existe uma cancela, moderna, de ferro, sempre aberta. Localiza-se num vale (entre serras). No início, casas espaçadas; próximo da *sede*, existem moradias com distâncias variadas de 50, 100, 500 m. “No seu entorno a vizinhança é formada pelas comunidades da Carapuça, Umbuzeiro, Baixiu e a terra dos Ricardos – situada na Serra do Giz”. (CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE, 2008, p. 104). Umbuzeiro localiza-se a 3 km dessa. Os quilombolas se locomovem, a pé, “por dentro”.

atividades ou afazeres manuais, tomar uma fresquinha, pitar, prosear e observar quem passa “na ribeira”.

As moradias são construídas individualmente - no terreno em que fica uma parte da roça. Denominadas de *arrasto* por seu telhado na proporção do seu comprimento, inclinado a partir de uma cumeeira, para que as águas das chuvas possam “correr para a frente e para trás”. Assim, em cada lateral, o encosto poderá ser compartilhado com alguém da família a construir uma nova casa, economizando levantar outra parede.



Figura 8: casa *no pé* da serra. Figura 9: casa conjugada. Figura 10: moradia/*Sede* da ARUL/Arca das Letras.
 Figura 11: banheiro *de palha*.

Sempre pintadas na cor branca, algumas possuem “barra de frente de casa”, no rodapé, cerca de 30 cm, em tonalidades contrastantes ou *meias* barra, de cor neutra. Umas, nos seus encostos, expõem os tijolos; algumas mesmo rebocadas, sem conservação, apresentam rachaduras ou o desgaste na calça. Típicas as *meia* portas em madeira (divididas ao meio, na vertical), algumas pintadas com cores ora claras, ora fortes. Raridades são as de ferro, com basculantes. Cena comum há alguns anos, são as calhas em sua largura - para “aparar” as águas da chuva -, conectadas com tubos a desembocarem na cisterna ao lado, programas de abastecimento de organismos governamental e não governamental.

Observa-se, também, a precariedade de suas infraestruturas concernentes ao saneamento básico, ou seja, inexistente. A água, para os que possuem pias ou bacias, sobre o balcão, de lavar pratos, escorre por tubulações ou é jogada no terreiro, respectivamente. Não é redundância confirmar que não possuem água encanada. Todos possuem energia. Há 18 anos, era a solar, para um número reduzido; a elétrica foi empreendimento, apenas em 1994, no Governo de Miguel Arraes. No primeiro ano do século XXI, apenas 50% das casas possuíam energia elétrica (PROJETO PARCEIROS DA TERRA, 2001).

O banheiro, conjunto para o banho e sanitário, na Comunidade, tem outras características. Os espaços são separados; ambos, externos à casa. Algumas possuem o recinto em alvenaria. Na pesquisa, foi encontrado um banheiro com piso acimentado, construído com quatro compartimentos e uma pequena abertura, uma espécie de engradado recoberto com palhas de *coqueiro*. Internamente, um *tapete* de madeira, as elevações dos pés (e corpo), uma bacia grande de plástico, um pouco de água típica dos barreiros e uma espécie de cuia. Poucas moradias possuem “casas sanitárias” em alvenaria.



Figura 12 e 13: infraestruturas internas das moradias.

Internamente, é contrastante a simplicidade, a carência, a precariedade dos imóveis com o asseio diário, especialmente pela poeira constante na Caatinga. São *meia* paredes, ou seja, sua altura é entre 20 e 30 cm das aberturas das portas. A maioria não as possui; busca-se a privacidade com cortinas de chita floridas, algumas monocromáticas, outras coloridas, com médias ou grandes estampas. As cortinas também, em alguns casos, são divisórias da sala para a cozinha. Na sala, em algumas residências, as paredes estão esburacadas pelo tirar e recolocar dos porta-retratos de vários santos.

Na sala, podem-se ver sofás cobertos com tecidos coloridos; às vezes, uma cama, guarda-roupa. Também por falta de espaço, instrumentos domésticos são como parte da

decoração, principalmente potes tradicionais em formato de *pinha* ou de pilão; pequenos armários para guardar pratos, talheres, vasilhas, terrinas e o que de melhor possuem para servir as refeições. Sobre esses, conjunto de alumínio para guardar mantimentos. Poucas casas possuem a “mesa de visitas”. Em algumas paredes, porta-toalhas artesanais coloridos, onde se sobressai o entalhe de figura feminina, observados em duas casas, com a mesma imagem e cores. Algumas residências possuem o porta copos, conjunto de cabides com base decorada, para pendurar copos e canecas de alumínio.

A cozinha está entre a simplicidade e a precariedade, notoriamente acerca da sua infraestrutura. Geralmente é o cômodo mais baixo da casa. Pequena mesa e cadeiras ou tamboretas em madeira; porta tudo para panelas de alumínio e vasilhas; um fogão a lenha, de alvenaria, com uma ou duas bocas; poucos possuem fogão a gás: é caro, e dependendo do cozinhado, “demora muito”. Alguns customizam fogões velhos de metal para usá-los com carvão. Nas cozinhas em que o vão é insuficiente para o fogão, este é construído ou disposto no quintal, sob uma pequena latada de telhas ou palhas de coco.



Figura 14: fogão a lenha. Figura 15: fogão a carvão.

São denominados de terreiros os espaços ao redor das residências, onde soltos, vivem galos, galinhas de capoeira, guiné e raros patos. No espaço de trás, o quintal (aberto). As casas que têm muro, este é cercado com varas. Esse espaço é também utilizado para lavar os pratos ou roupas. Foram percebidas duas maneiras de lavar as roupas: a primeira, a mais usual, sobre uma armação de quatro estacas, um grande paralelepípedo, sempre em baixo de uma árvore. Outra possibilidade foi em frente da casa, sobre um lajedo. Aqui, a quilombola usa camisa de mangas compridas e um grande chapéu de palha.

No empírico, percebe-se que, para os quilombolas, o dia, sempre, tem que começar muito cedo. Acordam às 4h, o mais tardar ou muito tarde, às 5h da manhã. Em todas as

entrevistas, os homens disseram, com certa reticência, que ajudam nos afazeres domésticos: café da manhã, varrer a casa, lavar os pratos, lavar roupas. Foram perceptíveis que essas atribuições são realizadas quando as companheiras não se encontram: “viagem” à cidade, só para resolver alguma pendência ou visitas por vários motivos a parentes em outras localidades. Passar roupas, eles dizem não ter jeito. O desjejum que os homens fazem é o café preto, puro, antes de iniciarem a labuta. Quando possuem, a “mistura”⁷ é realizada pelas mulheres.



Figura 16: lavador de roupa na pedra. Figura 17: lavador de roupas sobre no lajedo. Fotos: Alfredo Sotero.

Jovens e crianças, meninas e meninos abaixo dos 10 anos, também ajudam nos afazeres domésticos; dependendo da idade, na lavoura. O consumo de água para lavar roupas, higiene pessoal e, da importância ou capricho *paisagístico*, para aguar as plantas é realizado através do abastecimento proveniente de pequenos açudes/barragens, barreiros/cacimbas, poços/caldeirões. O abastecimento se dá por meio de tambores transportados em carro de boi. Alguns, às vezes, ganham muito poucos reais extras vendendo água para aqueles que não possuem o veículo.

Os homens saem para os roçados, seja ao redor ou a poucos quilômetros da casa. Os terrenos são próprios, herdados dos pais ou comprados de familiares onde, cerca de 85% possuem propriedade entre ½ a 10 hectares (PROJETO PARCEIROS DA TERRA, 2001). Alguns possuem hectares em municípios vizinhos. A principal atividade econômica se dá com a agricultura de subsistência na produção de sementes crioulas do milho, feijão, fava, mandioca – atividade rarefeita por ser muito trabalhosa e por “não compensar” a venda. As mulheres também trabalham na agricultura, especialmente as arrimo de família.

⁷ Expressão muito antiga no Sertão: “mexe que a mistura está em baixo”, referência a pouca ou a falta de carne nas refeições. No café (puro) da manhã é entendido ao(s) complemento(s), a exemplo do cuscuz, inhame, macaxeira, tapioca.

Além da principal atividade econômica, famílias se arvoram em atividades não agrícolas. De forma incipiente, a apicultura; alguns já realizaram, mas não houve adaptação tecnicamente correta apesar do incentivo de organismos governamental e não governamental. A grande promessa na região é o beneficiamento da castanha de caju para complemento de renda entre $\frac{1}{2}$ e dois salários mínimos. Desses, apenas cinco quilombolas tinham uma renda mensal “entre um e dois salários” (PROJETO PARCEIROS DA TERRA, 2001) e como inserção social.

Todas essas mudanças se iniciaram com a criação da Associação Rural de Umbuzeiro e Leitão (ARUL) fundada em 19 de agosto de 1995, com objetivo de reivindicar melhoria na infraestrutura da localidade e, de forma mais ampla, sua inserção como cidadãos. Numa dessas ações, destaca-se a luta pelo reconhecimento dos afrodescendentes das comunidades. A maioria dos umbuzeirenses não se reconhece, ou seja, negam o não ser, ou seja, negros, segundo informações.

Considerações finais

A vida era difícil. Eu mesmo sou uma pessoa que eu me criei na roça. Eu hoje venho percebendo que as coisas mudaram muito, mudaram pra melhor, porque antigamente era sofrida a vida... (Quilombola 9).

A realização desta pesquisa permitiu perceber o processo da utilização do método etnográfico *dialogando* com imagens. Ou seja, a fotografia como meio de expressão e comunicação não apenas como registro, mas documento de suporte de análise do objeto de estudo. A fotografia agrega valor e autenticidade imagética à pesquisa empírica e, particularmente, ao relato etnográfico. Por meio de tais métodos foi possível contextualizar o cenário em que vive e trabalha a população da Comunidade Negra Rural Quilombola de Leitão/Umbuzeiro em Afogados da Ingazeira, Alto Sertão de Pernambuco.

Mesmo em território adverso, não desistem de suas terras. Assim, buscaram outras formas de sobrevivência além da agricultura tradicional, reconvertendo seus códigos culturais nos códigos da cultura hegemônica massiva, e engendraram por outros favorecimentos, a exemplo do beneficiamento da castanha do caju, produção que levou a uma organização familiar e social menos sofrida e que, também, vem ajudando no desenvolvimento local da comunidade.

Referências

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea: diagnóstico do município de Afogados da Ingazeira**, 2005b. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/pernambuco/relatorios/ADIN003.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2008.

BOURDIEU, Pierre. Introdução In: **La fotografia: um arte intermédio**. México: Nueva Imagen, 1979.
Disponível em: <<http://94.23.146.173/ficheros/d540eba71cace84d2a7f666d0d6624ff.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2012.

CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE. **Princípios da educação quilombola**, 2008.

JORGE, Luiz Eduardo. Etnografia imagética na pesquisa de campo. **Educativa**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 253-263, jul.dez. 2009. Disponível em:
<<http://seer.ucg.br/index.php/educativa/article/viewDownloadInterstitial/910/646>>.
Acesso em: 24 set. 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINO, Luiz Claudio. Panorama da pesquisa empírica em comunicação. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Claudio (Org.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 135-160.

PROJETO PARCEIROS DA TERRA. **Diagnóstico rápido participativo das Comunidades de Leitão e Umbuzeiro** – Afogados da Ingazeira – PE, 2001.

RODRIGUES, Alfredo Sotero Alves (org). **A incrível e fantástica história da mãe dos filhos da sobrevivência ou a peleja do sertanejo com a vida e a morte ou olhares sobre os sertões pernambucanos**. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2002. Disponível em:
<www.unicap.br/sertoos>. Acesso em: 26 set. 2009.

SILVA, Manuel José da. **Cotidiano e atividade laboral na Comunidade de Leitão/Umbuzeiro: depoimento jan. 2010**. Entrevistador: Alfredo Sotero Alves Rodrigues. Sítio Leitão, Afogados da Ingazeira, 2010. Entrevista gravada em formato MP3.

SILVA, Rosimere Maria da. **Cotidiano e atividade laboral na Comunidade de Leitão/Umbuzeiro: depoimento jan. 2010**. Entrevistador: Alfredo Sotero Alves Rodrigues. Sítio Leitão, Afogados da Ingazeira, 2010. Entrevista gravada em formato MP3.

SILVA, Sebastião José da. **Cotidiano, atividade laboral e políticas intencionais na Comunidade de Leitão/Umbuzeiro: depoimento jan. 2008**. Entrevistador: Alfredo Sotero Alves Rodrigues. Sítio Leitão, Afogados da Ingazeira, 2008. Entrevista gravada em formato MP3.